

SUJEITO PRONOMINAL – UMA ANÁLISE EM TEMPO REAL*

Rita do Carmo Polli da SILVA (UFPR)

ABSTRACT. *This paper has objective the of study the fulfillment/no fulfillment of the pronominal subject of the Brazilian Portuguese. he objective of analysis is to verify how is happening the representation of this category if explicit or not, which are the types of clauses that make use of the fulfillment and if extralinguistics factors such as schooling and sex interfere in the composition. The córpus is established of 19.980 data for analysis.*

KEYWORDS. *subject; pronominal subject; Brazilian Portuguese*

1. Introdução

Estudos sobre o preenchimento do sujeito pronominal vêm demonstrando que o português brasileiro (doravante PB) está deixando de ser uma língua de sujeito nulo (para usar terminologia gerativista). Segundo a Gramática Tradicional (GT) a língua portuguesa é uma língua que não deve empregar o sujeito pronominal exceto em alguns casos específicos: dar ênfase à pessoa do discurso, evitar ambigüidades e opor as pessoas gramaticais (ALMEIDA, 1988; CUNHA e CINTRA, 1985; LAPA, 1982; CUNHA, 1984).

Autores como LIRA (1988), DUARTE (1993), MONTEIRO (1994), MENON (1994/96), BOTASSINI (1998), entre outros, têm demonstrado uma situação bastante diferente da apregoada pela GT. Os resultados das muitas pesquisas da área têm mostrado que o sujeito pronominal está sendo cada vez mais preenchido no PB em situações muito distantes daquelas previstas pela norma gramatical.

2. Os objetivos

Essa pesquisa tem como objetivos analisar a 1.^a e a 2.^a pessoa verbal (*eu, tu, você, nós, a gente, vós e vocês*) para (i) testar se uma análise diacrônica em tempo real de curta duração corrobora com alguns resultados publicados, DUARTE (1993), ao analisar peças de teatro verificou um crescente preenchimento desta categoria no PB, analisando as HQ, pretendo verificar se este tipo de publicação apresenta um crescimento no número de ocorrências de sujeitos pronominais preenchidos no decorrer dos anos e em que medida ele acontece. Objetivo ainda (ii) observar se as desinências verbais constituem fator inibidor ao preenchimento e (iii) examinar o comportamento do pronome *a gente* no decorrer do tempo, comparando-o com *o nós*. Para isso foram selecionados grupos de fatores lingüísticos (*pessoa, tempo e modo verbal, e tipo de frases*) e extralingüísticos (*sexo, faixa etária e ano de publicação*).

3. A constituição do córpus

O córpus desta pesquisa é formado com dados obtidos a partir de histórias em quadrinhos (doravante HQ): a revista Pato Donald. A escolha é devida ao fato de ser esse um veículo de comunicação que atinge boa parte da população, tanto crianças como jovens e adultos: Decidiu-se por selecionar as revistas editadas nos anos de final três (já que a pesquisa teve início em 2003) para compore m a amostra: 2003, 1993, 1983, 1973, 1963 e as 21 primeiras edições de 1950 a 1952 (doravante referidas como 1950/52) já que a primeira revista individual da personagem foi editada no Brasil em 1950. O acesso a estes números iniciais da revista foi possível porque eles foram republicados em edição especial na década de 70. Não há nenhuma edição das revistas do ano de 1953 disponível para consulta nos locais por mim visitados, por isso a inclusão das primeiras edições. As edições consultadas, num total de 41 revistas, foram emprestadas junto à Gibiteca (detentora de um acervo superior a 40.000 revistas em quadrinhos), à Diretoria de Patrimônio da Fundação Cultural de Curitiba, à Biblioteca Pública do Paraná e muitas adquiridas em sebos da capital paranaense

Cabe destacar aqui que as HQ não são exatamente a representação da linguagem oral, pois passam pelo crivo da escrita. É uma linguagem dirigida às crianças, possui uma temática mais inocente, o vilão não mata

* Essa versão é parte dos estudos de minha dissertação de mestrado, em fase de conclusão, na área de Estudos Lingüísticos da UFPR.

ninguém, não chega a ser totalmente malévolo. Elas têm um tipo especial de texto, escrito e revisto. Segundo Menon (2003:97);elas são produções ambivalentes “já que, na condição de texto impresso passam por um processo de revisão editorial.” Marcas da língua escrita, ou seja, uma preocupação maior com o vocabulário e com as normas da GT (pelo menos com algumas) podem ser observadas com facilidade em todas as décadas analisadas. Na revista número 1, por exemplo pode-se ler as seguintes mesóclises:

- (1) — Com isto fá-la-emos em pedaços! (Hzi¹ entre eles)
- (2) —Eu procurá -lo-ia por ali, irmão... (Hzi Pato)

O uso das mesóclises não é comum na linguagem oral, atualmente pouco se vê dela mesmo em textos escritos, muito menos na linguagem de “crianças”², mesmo nos anos 50, no entanto a mesóclise não vai aparecer em textos de 1973 em diante, por exemplo.

As HQ, conforme CIRNE (1975), nasceram no final do século XIX, simultaneamente na França e nos Estados Unidos. Por muito tempo elas foram consideradas uma subliteratura prejudicial ao desenvolvimento intelectual de crianças e adolescentes, sendo inclusive apontadas por sociólogos como uma das principais causas da delinqüência juvenil. No entanto, aos poucos, foi-se verificando a fragilidade dos argumentos daqueles que investiam contra os quadrinhos. Esse tipo de texto têm um público leitor de várias camadas sociais e idades, inclusive crianças em fase de aquisição da língua.

4. Metodologia

Os dados levantados foram codificados segundo os grupos de fatores (GF) *lingüísticos* e *sociais*. O que se pretendeu buscar com cada grupo de fator foi o seguinte: GF *lingüísticos*:

a) *peessoa verbal*: este grupo foi testado para saber se as pessoas verbais têm comportamento distintos entre si, qual é a que aceita mais o pronome explícito e qual a que favorece a ausência;

b) *tempo e modo verbal*: ao codificar as ocorrências segundo o tempo e o modo dos verbos pretendíamos medir qual é o tempo e o modo verbal que mais propicia o preenchimento, com que pessoa ele mais ocorre e se a desinência interfere na aplicação da regra variável;

c) *tipos de frases*: a escolha desse grupo é devida ao tamanho dos diálogos contidos nos balões, por serem pequenos não nos foi possível analisar os tipos de orações, haja vista que elas são bastante curtas e o resultado da análise acabaria sendo desviado por tender mais para as orações absolutas. Um outro fator que nos condicionou a este grupo foi que as frases nestas histórias em quadrinhos são terminadas apenas com *ponto de exclamação*, *reticências* e *ponto de interrogação*. Não há frases encerradas simplesmente com ponto final, nem mesmo nas revistas editadas em inglês. Essa característica não é exclusiva das revistas PATO DONALD, percebe-se esse recurso gráfico em outras HQ. Nas revistas que constituem o cópús analisado somente as primeiras edições apresentaram *pontos finais* bastante esporádicos nas falas das personagens. A seleção deste grupo nos permitiu verificar se as frases *interrogativas* e as *negativas* propiciam ou não a ausência, como comentado por DUARTE (1993).

Os GFs *sociais* levantados foram os seguintes:

a) *sexo*: objetiva-se com este grupo observar se há alguma diferença no uso da regra variável entre os sexos;

b) *classificação etária*: como não é possível identificar a idade das personagens a classificação se dividiu entre adultos e crianças. Destacando-se que tanto este GF quanto o anterior são apenas referenciais, pois por trás de cada personagem há um editor e um revisor, portanto as representações *masculino/feminino*, *adulto/criança* não correspondem exatamente à pessoas adultas ou crianças e nem ao sexo feminino ou masculino.

¹ Huguinho, Zezinho e Luizinho, sobrinhos do Pato Donald, crianças.

² Considero, para efeitos desta pesquisa, as personagens humanizadas como seres humanos de fato. Em Patópolis, a cidade dos patos, há animais humanizados: família pato, Mickey, Minie, Pateta, etc. estes moram em casas, dirigem carros, empresas, namoram, casam, brincam, têm emoções, enfim, características tipicamente humanas e há ainda animais propriamente ditos, como o Pluto (o cachorro do Mickey) e o gato do Peninha que não falam, mas, às vezes “pensam”. Pensamento esse que é representado graficamente com uma seqüência de bolinhas ligando o texto à personagem. Esses foram considerados de forma diferenciada.

c) *ano de publicação*: como o *cópus* cobre meio século há a possibilidade de testar, em tempo real de curta duração, a evolução da variação nos pronomes de 1.^a e 2.^a pessoa do plural e do singular e, particularmente, o comportamento dos pronomes *nós* e *a gente* no período.

Como princípio de análise, decidiu-se não considerar como sujeito preenchido ou não os casos de:

1. Uso para desambigüisar e/ou para contrastar as pessoas do discurso:

- (03) — Ele conseguirá tirar a foto, a não ser que eu faça alguma coisa! (Pato Donald 596 de 09/04/63)
- (04) — Por acaso vai começar antes de eu voltar da entrega destes ovos? (Pato Donald 1642 de 22/04/83)

No primeiro caso o preenchimento tanto pode estar sendo usado para dar ênfase e separar as pessoas do discurso como para desambigüisar. O pronome *eu* nesta situação deve ser preenchido, caso contrário a interpretação será outra. No segundo, o uso do pronome *eu* tem função de desambigüisar, uma ausência aí possibilitaria uma outra interpretação.

2. Coordenadas de verbos:

- (05) — Ouvimos e obedecemos, amo e senhor! (Pato Donald 28 de 22/06/73)
- (06) — Estou tão furiosa que acho melhor você ir embora, Donald! (Pato Donald 1632 de 11/02/83)
- (07) — Revistamos o bandido e não achamos nada! (Pato Donald 1634 de 26/02/83.)
- (08) — Eu gosto de fazer projetos e tomar decisões! (Pato Donald 1640 de 08/04/83)
- (09) — Derrubamos todo aquele mato e construímos esta maravilha do vale dos colibris! (Pato Donald 2004 de março de 1993)

As coordenadas de verbos não apresentam um sujeito preenchido para cada verbo, somente o primeiro preenche esta categoria, inclusive no inglês, língua de sujeito obrigatório. Na sentença do inglês, “He comes and goes.” o sujeito só é marcado uma vez, há aí um verbo sem sujeito expresso e isso não é suficiente para dizer que o inglês está deixando de ser uma língua de sujeito obrigatório. É a sintaxe que prevalece se há uma coordenação de verbos, não se repete o sujeito. Em enunciados semelhantes, portanto, não consideramos os sujeitos elípticos como casos de não preenchimento.

3. Imperativo canônico e imperativo atenuado: MENON (1996) menciona este tipo de imperativo e esclarece que se trata de um uso inovador, utilizado no lugar do canônico. Sua característica é amenizar, atenuar (como o próprio nome diz) o tom de ordem do imperativo. Por exemplo:

- (10) — Cuidado, Dippy, não a toques! (1950 Pato Donald 01)
- (11) — Vamos escondê-lo depressa, mesmo que seja na lata de lixo! (Pato Donald 12 junho de 1951)
- (12) — Uma escadaria! Vamos descer! (Pato Donald 2276 outubro de 2003)

Como pôde ser observado nos exemplos, os casos de imperativo atenuado e mesmo os de imperativo canônico, apresentam, pelo menos neste *cópus*, casos de não-preenchimento do sujeito pronominal, ou seja, uso categórico de uma ausência, o que não nos interessa pela possibilidade de desvio dos resultados, haja vista que o tempo verbal do primeiro verbo das ‘perífrases’ onde eles se encontram é sempre o presente do indicativo. O resultado deste tempo verbal seria desviado devido à inclusão de algo que é categórico em seu conjunto de dados. Por isso não foram codificados.

4. Sujeito composto: os casos de sujeito composto não foram considerados por representarem preenchimento categórico, pelo menos nesta amostra:

- (13) — Muito bem, e tu e eu juntos faremos ver a todos os animais do bosque, que somos mais espertos que esse miserável leitãozinho! (Pato Donald 01)
- (14) — *Você* e meu filho estão perdidos! Agora *vão* pagar bem caro por esta brincadeira! (Pato Donald 01)

5. Os resultados

O número de ocorrências obtidas totalizado é bastante significativo: 19.980. Para a análise estatística dos dados foi utilizado o programa VARBRUL³. Não houve nenhum *nocaut* na rodada e os grupos selecionados como relevantes foram: *peessoas verbais, tempo e modo verbal, tipos de frases e ano de publicação*. Não foram selecionados os grupos de fatores *sexo e classificação etária*. Os comentários obedecerão à ordem de seleção do programa

5.1. As pessoas verbais

As pessoas gramaticais analisadas para neste estudo foram, como já citado, a primeira: *eu/nós, a gente* e as segundas: *tu/vós, você/vocês*. Não houve nenhum caso de *vós* em todo o *cópus*, o que vem corroborar com resultados já publicados acerca do desuso e do quase desaparecimento deste pronome no PB, por exemplo FARACO (1982). MENON (1995) mostra que isso não é exclusividade do PB, segundo a autora, em Portugal, já na época da colonização brasileira a segunda pessoa do plural (*vós*) estava em adiantado estado de arcaização. A tabela abaixo traz os resultados do preenchimento do sujeito pronominal em todas as pessoas assumidas nesta pesquisa.

Tabela 1 – Preenchimento/ausência dos pronomes sujeito nas revistas Pato Donald.

PESSOA	SUJEITO PREENCHIDO			SUJEITO AUSENTE			TOTAL
	no. de ocorrências	%	PR	no. de ocorrências	%	PR	
Eu	2.799	23	.43	9.413	77	.57	12.212
Tu	7	28	.60	18	72	.40	25
Você	2.103	67	.87	1.040	.33	.13	3.143
Nós	248	7	.18	3.126	93	.82	3.374
A gente	289	99	1.00	3	1	0	292
Vocês	467	57	.82	359	43	.18	826
Total	5.913	30	-	13.959	70	-	19.872
Input .27							

A primeira pessoa do singular é a que possui um número maior de ocorrências. Situação idêntica a encontrada por Duarte (1995) que em 1.416 dados teve 631 casos de pronome *eu* e BOTASSINI (1998), num estudo da 1.^a e 2.^a pessoa encontrou 21.334 ocorrências do pronome *eu* em um *cópus* constituído de 24.181 dados. MENON em seus trabalhos de 1994 e 1996 também obteve um número maior de ocorrências deste pronome. O que os números nos mostram é que, independente da constituição do *cópus*, os discursos são bastante egocêntricos.

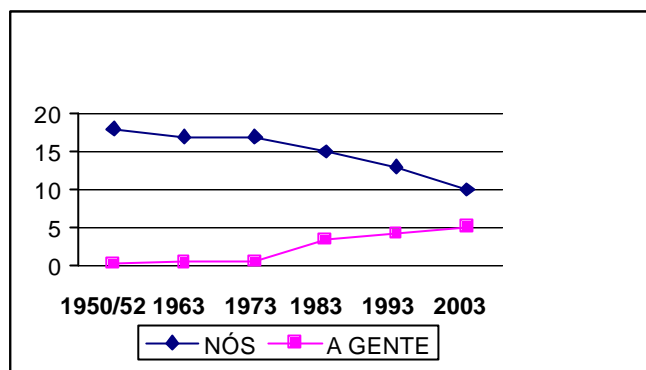
Os pronomes que mostram peso relativo favorecendo o preenchimento são aqueles com os quais os verbos não apresentam flexão verbal: *a gente*, 1.00, preenchimento categórico, *você*, .87. O pronome *vocês* apresentou .82 e possui flexão (-m) este alto favorecimento ao preenchimento deve-se ao fato de esta flexão não ser exclusividade da segunda pessoa do plural em questão. Já a primeira pessoa do plural, sempre marcada, apresentou peso relativo .18, ou seja, a flexão verbal está funcionando como inibidora do preenchimento do sujeito pronominal neste *cópus*, mas o que chama a atenção na tabela acima é a 2.^a pessoa canônica, ou seja, o *tu*. Este pronome também tem flexão bem marcada e seu peso relativo é de .60, ou seja, apresenta tendência ao preenchimento. A 1.^a pessoa do singular (*eu*) apresenta peso relativo .43 e possui marca em alguns tempos verbais e não possui em outros. Neste *cópus* as ocorrências do pronome *tu* estão restritas aos três primeiros números da revista Pato Donald, ou seja, a partir de da edição de número 4 de outubro de 1950, o pronome de segunda pessoa passa a ser exclusivamente o *você*. Na revista número 1 o *tu* ocorre no ambiente da floresta, com a personagem Lobão e seu filho, o Lobinho, mas não com as demais personagens que interagem no mesmo espaço. Há uma oscilação entre as personagens que usam esse pronome nas três primeiras edições. Na revista número 1 é o Lobão, na número 2 são os sobrinhos do Pato Donald e na três volta a ser o Lobão, para desaparecer totalmente a partir da 4.^a edição.

O pronome *a gente* apresentou 292 ocorrências, sendo que nos números iniciais sua referência era exclusivamente indeterminada, passando a assumir a 1.^a pessoa do plural gradativamente para, a partir de 1993 exercer exclusivamente função de 1.^a pessoa do plural. Não há, neste *cópus*, nenhum caso de *nós* com referência indeterminada.

Apesar do reduzido número de ocorrência do pronome *a gente*, 292 representa menos de 1,5% do total de dados, o que se pôde perceber é um crescente uso deste pronome enquanto com a primeira pessoa canônica, *nós*, acontece o inverso. O gráfico 1 abaixo mostra as trajetórias.

³ Para informações sobre o VARBRUL ver SCHERRE (1993/2003).

Gráfico 1 – O comportamento dos pronomes *nós* e *a gente* nas revistas Pato Donald no período de 1950/52 a 2003.



O que se pode perceber a partir desses números é que o uso do pronome *a gente* vem crescendo sutilmente, representa 5,1% das ocorrências de 2003, partindo de 0,2% em 1950/52, enquanto o pronome *nós* caiu de 18 para 10% das ocorrências. Como já foi dito, tanto a evolução de uma forma como a diminuição no uso da outra é bastante reduzido, mas nos mostra uma alteração. Talvez, nesse sentido, nas HQ em questão, os revisores, tenham uma certa relutância quanto ao uso da forma inovadora *a gente*, mas o que se percebe é que ela já está incorporada ao léxico destas pessoas, é uma forma que se fixou na língua e por mais que o processo de revisão seja rígido, ela está aparecendo.

Para finalizar os comentários sobre esse item destaca-se que o preenchimento do sujeito pronominal no cópua foi de somente 30%, com input 27, índice que favorece grandemente o não preenchimento. Os dados analisados em cópua da língua falada mostram índices bastante diferentes, BOTASSINI (1998), por exemplo, encontrou, num cópua constituído a partir das entrevistas do VARSUL, 61% de preenchimento e 39% de ausência. O índice baixo de preenchimento desse cópua mostra que a revista em quadrinhos não é exatamente representação da língua oral; se fosse, os resultados seriam semelhantes aos resultados a partir desse tipo de cópua. A revisão, o fato de ser escrito, provavelmente está fazendo diferença. 30% de preenchimento, em uma amostra de HQ está próximo do encontrado por LIRA (1988), que analisou dados de língua escrita, que foi 22%. Este resultado vem confirmar que a língua escrita realmente apresenta um índice de preenchimento bem menor do que as amostras constituídas de língua oral. De qualquer forma, como já mencionado anteriormente, este índice é considerado alto para uma língua cuja orientação vai no sentido de não empregar o sujeito pronominal, exceto em alguns casos específicos: dar ênfase à pessoa do discurso, evitar ambigüidades e opor as pessoas gramaticais.

5.2. Tempo e modo verbal

Das dez formas verbais encontradas nenhuma apresentou *nocaut*, não havendo necessidade de exclusão de alguma delas. A tabela abaixo traz os números percentuais e os pesos relativos de cada tempo e modo verbal encontrado no cópua.

Tabela 2 – Tempo e modo verbal nas revistas Pato Donald.

Tempos e modos verbais	Preench.	%	PR	Ausentes	%	PR	TOTAIS
Presente do indicativo	3.429	25	.46	10.081	75	.54	13.510
Pretérito perfeito do ind.	930	34	.51	1.792	66	.49	2.722
Pretérito imperfeito do ind.	234	61	.84	150	39	.16	384
Futuro do pretérito	350	58	.79	250	42	.21	600
Futuro do presente	395	24	.51	1.265	76	.49	1.660
Presente do subjuntivo	69	51	.71	67	49	.29	136
Imperfeito do subjuntivo	86	67	.87	43	33	.13	129
Futuro do subjuntivo	32	31	.59	70	69	.41	102
Infinitivo	383	52	.57	348	48	.43	731
Gerúndio	5	83	.96	1	17	.04	6
Totais	5.913	30	-	14.067	70	-	19.980

Os tempos e os modos verbais em que há maior número de ocorrências são o *presente* e o *pretérito perfeito do indicativo*, com pesos relativos de .46 e .51 respectivamente. Há, portanto, um ligeiro favorecimento no sentido de preencher o sujeito pronominal com o *pretérito perfeito do indicativo*, mesmo sendo o caso de não haver necessidade devido à flexão verbal bem marcada, ou seja, esse tempo e modo verbal possui vogal temática (que indica a que conjugação o verbo pertence), sufixo temporal (que indica o tempo e o modo) e a desinência pessoal (que indica a pessoa e o número), a flexão neste córpus, não está inibindo o preenchimento. O *futuro do presente* propicia a mesma análise. Todos os demais tempos e modos verbais da amostra apresentam maior peso relativo para o preenchimento do sujeito pronominal e são todos desprovidos de flexões bem marcadas, o que vem mostrar que a falta de flexão específica está propiciando o preenchimento pronominal desta categoria.

Os *tempos e modos verbais* que mais propiciam o preenchimento do sujeito são: *gerúndio*/.96, *imperfeito do indicativo*/.84, *imperfeito do subjuntivo*/.87, o *futuro do pretérito*/.79 e o *presente do subjuntivo*/.71, e o *presente do subjuntivo*, com .59. Apesar de esses números mostrarem pesos relativos altos, todos juntos somam 2.088 ocorrências, de um total de 19.980 dados, ou seja, 10,45% das ocorrências totais. Quanto ao gerúndio as GTs não mencionam o fato desta forma aceitar sujeito pronominal e o córpus apresentou duas ocorrências de preenchimento e uma ausência neste caso:

(15) — Eu gastando minhas energias e a porta estava aberta! (Pato Donald 1638/1983)

(16) — E eu pensando que ia agradecer! (Pato Donald 1134/1973)

(17) — Bem... devolvendo a orquídea, podemos ir embora! (Pato Donald 01 1950)

5.3. Tipos de frases

Esse grupo de fator foi selecionado em terceiro lugar e a distribuição dentro dele pode ser vista através da tabela 3, abaixo:

Tabela 3 - Preenchimento/não preenchimento a partir do grupo de fatores *tipo de frases* nas revistas Pato Donald.

Tipos de frases	Preench.	%	PR	Ausentes	%	PR	TOTAL
Afirmativas/exclamativas	4.428	22	.53	11.053	78	.47	15.481
Negativas	524	26	.49	1.474	74	.51	1.998
Interrogativas	961	38	.35	1.540	62	.65	2.501
Totais	5.913	30		14.067	70		19.980

As frases afirmativas/exclamativas propiciam um maior preenchimento do sujeito pronominal, .53. Neste grupo estão reunidas as frases que nos quadrinhos são finalizadas com ponto de exclamação, reticências ou ponto final, salientando que esse último só ocorre nas primeiras edições. As frases, mesmo nas HQ em inglês, não são finalizadas com o ponto final. As negativas tendem ao não preenchimento e as interrogativas propiciam largamente uma ausência do sujeito pronominal. Este tipo de frase tem este comportamento possivelmente devido a situação pragmática, isto é, na grande maioria das situações de indagação o olhar do falante (ou um outro gesto) geralmente é dirigido ao seu interlocutor antes da pergunta propriamente dita, o que minimiza as interpretações ambíguas.

(18) — Que quer? (Pato Donald 13, julho de 1963)

Este é um diálogo entre o Pateta e o Mickey. O Pateta, neste caso, olha para o Mickey e faz a pergunta, o seu olhar direcionado ao seu interlocutor dispensa o uso do pronome sujeito.

Segundo DUARTE (1995) as frases interrogativas e as negativas propiciam o não preenchimento do sujeito pronominal, o que pôde ser confirmado neste córpus.

5.4. Ano de publicação

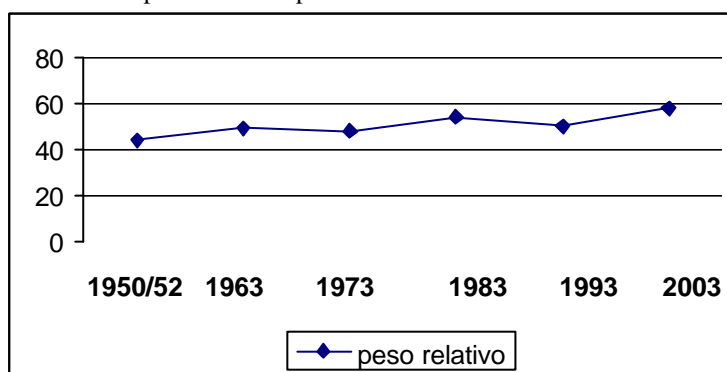
Dos grupos de fatores extralingüísticos somente o *ano de publicação* foi selecionado como relevante para a análise. Esse grupo permite que se faça uma análise da evolução do preenchimento do sujeito pronominal desde a primeira edição da revista até a última analisada, o que pode ser observado abaixo:

Tabela 4 – Preenchimento/não preenchimento a partir do grupo de fatores *ano de publicação*, nas revistas Pato Donald.

Ano de publicação	No. de ocorrências preenchidas	%	PR	No. de ocorrências não preenchidas	%	PR	TOTAIS
1950/52	1.088	24	.44	3.450	76	.56	4.538
1973	1.015	29	.48	2.536	71	.52	3.551
1983	879	35	.54	1.668	65	.46	2.547
1993	989	30	.50	2300	70	.50	3.289
2003	1.116	38	.58	1.812	62	.42	2.928
TOTAIS	5.913	30		14.067	70		19.980

Dentro da amostra percebe-se um acréscimo no peso relativo do preenchimento do pronome sujeito nas revistas Pato Donald, exceto em 1993 quando o peso se mostra neutro. Já em 1950 o peso relativo de preenchimento é .44, alto para os padrões da língua portuguesa, que é uma língua de sujeito nulo, segundo a Gramática Gerativa. Apesar de pequeno o crescimento do preenchimento do sujeito pronominal é constante, o que pode ser melhor visualizado no gráfico 2, abaixo:

Gráfico 2 – Pesos Relativos apresentados a partir da análise de dados das revistas Pato Donald



Há um crescimento de .14 no peso relativo de 1950/52 a 2003. No início o índice apontava uma tendência maior ao não preenchimento, .44, tendência essa que se inverte no último ano analisado, que apresenta .58, mostrando já uma tendência ao preenchimento do sujeito pronominal neste tipo de texto.

5.5. Sexo e classificação etária

Estes grupos não foram selecionados e em um nível anterior ao que apresentou o conjunto de dados mais significativos para a análise foi possível verificar o porquê.

O *sexo* masculino apresentou peso relativo .50, neutro. O feminino apresentou peso relativo .53, favorecendo levemente o preenchimento. As pesquisas na área apontam a mulher à frente quando a variável inovadora (no caso aqui o preenchimento) não é estigmatizada.

Na *classificação etária* há uma leve tendência ao preenchimento pelas personagens representantes da classificação *crianças* .52 enquanto os adultos apresentam exatamente .50, ou seja, peso relativo neutro. Estes dois grupos não apresentaram relevância também em estudos anteriores, um exemplo é BOTASSINI (1998).

6. Conclusão

Os resultados aqui apresentados são bastante distintos dos obtidos de análises de *cópus* constituídos a partir da língua falada e em tempo aparente. Distinguem-se também dos resultados de análise em tempo real, como DUARTE (1993), que encontrou um baixo índice, 26%, de sujeitos ausentes em seu exame de peças teatrais.

O número de sujeitos nulos encontrados nessa pesquisa aproximam-se dos de LIRA (1988) que encontrou apenas 22% de preenchimento do pronome sujeito em um *cópus* constituído de língua escrita.

Tanto DUARTE (1993) como LIRA (1988) enfatizam o fato de a língua escrita ser mais conservadora. A partir dessa análise, tendo a classificar as HQ mais como representação da língua escrita do que como representação da oralidade, pois, além de passarem por um processo de revisão, mostram um comportamento muito similar aos encontrados em *cópus* de língua escrita. Os números mostram que este tipo de produção corresponde mais à modalidade escrita, confirmando a hipótese inicial. O índice de preenchimento foi de apenas 30%, com peso relativo de .27, bastante favorecedor ao não preenchimento.

O grupo de fatores *pessoa verbal* mostrou que o preenchimento não ocorre do mesmo modo em todas as pessoas. O pronome *eu* apresentou peso relativo .43, favorecendo levemente a ausência desse tipo de sujeito, o oposto da 1.^a pessoa do plural (*nós*), que a favorece largamente, com .18. Cabe aqui lembrar que o pronome *nós* é bem marcado com qualquer verbo, em qualquer tempo, o que não ocorre com a 1.^a pessoa do singular. Referenciando ainda a primeira pessoa, cabe salientar que o pronome *a gente* apresentou peso relativo 1.0, categórico para o preenchimento e mostrou um uso crescente nesse tipo de texto.

As segundas pessoas mostraram uma tendência bastante acentuada ao preenchimento desta categoria: *você* apresentou peso relativo .87. Tanto *a gente* como *você* são pronomes com os quais os verbos não apresentam flexão bem marcada, em outras palavras, não apresentam as desinências número-pessoais que possam eliminar interpretações ambíguas, coincidem ainda com o pronome da 3.^a pessoa, não contemplado nesse estudo. Esse fato justifica o alto preenchimento com esses pronomes. O mesmo acontece com o pronome *vocês*, os verbos apresentam a mesma desinência com a 3.^a pessoa do plural, *eles*, por isso o preenchimento bastante favorecido. Da mesma forma os tempos verbais mais marcados mostram uma tendência ao preenchimento, enquanto os não marcados, ou menos marcados, o favorecem.

O grupo de fatores *tipo de frase* mostra que as interrogativas desfavorecem o preenchimento do sujeito pronominal, com peso relativo .34. Os grupos de fatores lingüísticos selecionados propiciam fortemente o preenchimento ou não do sujeito pronominal. Dos extralingüísticos, *sexo e faixa etária* não foram selecionados como relevantes, o que nos permite afirmar que este fenômeno já esteja de certa forma estável na língua, já que as personagens representantes dos sexos femininos e masculinos fazem uso da regra variável na mesma proporção, o mesmo se podendo dizer das personagens representantes das classificações etárias adulto e criança. BOTASSINI (1998) também teve esses grupos não selecionados na rodada do Varbrul, ou seja, independente de aqui termos um revisor por trás de cada personagem, seja ela feminina ou não, *sexo e faixa etária* (aqui denominada *classificação etária*) não têm se mostrado relevantes na aplicação da regra variável, preenchimento/não preenchimento do sujeito pronominal, aqui analisada. O grupo de fatores *ano de publicação*, único extralingüístico selecionado, mostra que o preenchimento pode ser baixo, percentualmente falando, mas aumenta gradativamente.

Considerando os dados de *cópus* constituídos de língua escrita de PAREDES DA SILVA (1991) e LIRA (1988), autoras que constituíram seus *cópus* a partir de cartas familiares e os aqui encontrados, podemos concluir que a representação da língua aqui estudada é bem mais formal do que a falada, preenchendo menos a posição de sujeito com pronomes pessoais.

Este *cópus* particularmente mostrou resultados bem próximos aos obtidos por LIRA (1988) o que põe por terra resquícios de preconceito por parte de alguns pais e professores de língua que insistem em dizer que “gibi” não é leitura recomendável por ser representação da língua oral, como se, sendo, fosse algo desprovido de qualidade, pensamento bastante retrógrado e ultrapassado. Relembro aqui CIRNE (1975) ao afirmar que a história em quadrinho é literatura e destaque que é literatura sim, mas não por não ser um tipo de texto representante da língua oral, mas por ser representante de uma língua como um todo.

RESUMO: *Este trabalho tem como objeto de estudo o preenchimento/não preenchimento do sujeito pronominal do Português Brasileiro. O objetivo da análise é verificar como está acontecendo a representação desta categorial, se explícita ou não, quais os tempos verbais e os tipos de orações que favorecem o preenchimento e se fatores extralingüísticos como escolaridade e sexo interferem na produção. O cópus é constituído de 19.980 dados para análise.*

PALAVRAS-CHAVES: *sujeito; sujeito pronominal; Português Brasileiro.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 35.^a edição. São Paulo. Saraiva. 1988.
BOTASSINI, Jacqueline O. Maia. *A elipse pronominal na linguagem falada do Paraná: uma análise variacionista*.
Dissertação de Mestrado. UFPR. 1998.
CUNHA, Celso F. da. *Gramática da Língua Portuguesa*. 10.^a ed.. Rio de Janeiro. FAE. 1984

- CUNHA, Celso F. da e CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2^a. ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1985.
- CIRNE, Moacy. *Para ler os quadrinhos*. Petrópolis. Editora Vozes. 1975.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In ROBERTS, Ian & KATO, Mary (orgs.) – *Português Brasileiro - uma viagem diacrônica*. Campinas. Unicamp. p. 107 – 128. 1993.
- FARACO, Carlos Alberto. *The imperative sentence in portuguese: a semantic and historical discussion*. Tese de doutoramento. University of Salford, UK. 1982.
- LAPA, Manuel Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. 1.^a edição brasileira. São Paulo. Martins Fontes. 1982.
- LIRA, Solange de Azambuja. O sujeito pronominal no português falado e escrito. *Ilha do Desterro*, Florianópolis: UFSC, n. 20. p.31 – 43. 1988.
- MENON, Odete Pereira da Silva. *Português: língua de sujeito nulo?* Comunicação apresentada no I Congresso Internacional da ABRALIN. Salvador. 1994.
- _____. *Aspectos do sistema pronominal relevantes para o ensino básico*. João Pessoa. ANPOLL. p. 502 - 503. 1996.
- MENON, Odete P. S., LAMBACH, Jane B., LANDARIN, Noeli R. X. N. Alternâncias nós e a gente nos quadrinhos, análise em tempo real in RONCARATI, Claudia & ABRAÇADO, Jussara. *Português Brasileiro, contatos lingüísticos, heterogeneidade e história*.(org.). Rio de Janeiro. 7 Letras. 2003.
- MONTEIRO, José Lemos. *Pronomes Pessoais*. Fortaleza. Edições UFC. 1994.
- PAREDES DA SILVA, Vera Lúcia. *Cartas Cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*. Boletim da ABRALIN, n. 11. p. 83 – 96. 1991.
- SCHERRE, Maria M. P. *Introdução ao Pacote Varbrul para microcomputadores*. Universidade federal do Rio de Janeiro/ Faculdade de Letras. Departamento de Lingüística e Filosofia/ Programa de estudos sobre o uso da língua (PEUL), 1992. Universidade de Brasília / Instituto de Letras/ Departamento de Lingüística, Letras Clássicas e Vernáculas, 1993.
- TAMANINE, Andréa. M. B. *Alternância nós/a gente no interior de Santa Catarina*. Dissertação de mestrado. UFPR. 2002.